

Escola com os dias contados

LUÍSA MEDEIROS

DA EQUIPE DO CORREIO

A simplicidade da Escola Classe Guariroba, na área rural de Samambaia, nem é percebida pela criança que estuda lá. Ao contrário, os 80 alunos de 6 a 10 anos adoram brincar no parquinho feito de madeira reaproveitada e, ainda, cultivar frutas e vegetais na horta. Cadeiras vazias nas salas são difíceis de encontrar. Os cinco professores conseguiram deixar interessantes as aulas de matemática e história do Brasil. Mas a construção de um aterro sanitário vai mudar a rotina dos alunos. A escola deles será fechada e ninguém sabe onde e quando uma outra será construída.

O novo aterro para o lixo produzido pelos moradores do Distrito Federal ficará numa área a 170m da escola (veja mapa). A comunidade da área rural soube do fechamento da escola pelas jornais. As primeiras notícias saíram em abril, logo após a concessão da licença prévia, primeiro passo para o licenciamento ambiental do aterro sanitário. O documento foi liberado pela Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) sob a condição de a escola ser remanejada. Qualquer ocupação urbana não poderá ficar a menos de 500m do novo depósito de lixo, que substituirá o lixão da Estrutural.

Cinco meses depois da licença, pais, alunos e professores ainda não sabem qual o futuro da escola. "Não somos contra o aterro,

Cadu Gomes/CB



ALUNOS PROTESTAM CONTRA O FECHAMENTO DA ESCOLA CLASSE GUARIROBA: 80 ALUNOS COM FUTURO INCERTO

mas antes do lixo ser depositado aqui, outra escola precisa ser construída para as crianças. A educação não pode ser trocada pelo lixo", critica o professor de futebol, Ronaldo Silva Bondim, 40 anos, pai dos alunos João, 10 anos, e Rodrigo, 8 anos.

Ele luta para garantir o estudo dos filhos e das outras crian-

ças que moram na região. Ronaldo fez um abaixo-assinado e recolheu 170 assinaturas dos moradores para evitar o fechamento da escola classe. As instituições mais próximas estão a 9km. "Se o governo alegar que não tem área para colocar a escola, topamos até ceder um terreno de 5 hectares no Núcleo Rural

Monjolinho", afirma Bondim.

A regional de ensino de Taguatinga, responsável pela unidade, não foi informada sobre o remanejamento da escola. "Não sabemos o que vai acontecer no futuro", diz a coordenadora pedagógica da escola classe, Lina Simone Santos. Carolina Rodrigues, 10 anos, aluna da 4ª série, teme o que



vai acontecer. "O lixo vai matar todos os animais e vegetais que ficam perto da escola", afirma.

"Não há previsão para a construção do novo aterro. Por isso, não há necessidade de informar à comunidade que haverá remanejamento da escola", explica o diretor geral da Belacap, Ildeu de Oliveira. O projeto é elaborado

pelo órgão desde julho e não tem prazo para terminar. A Semarh terá que aprovar a proposta para emitir a segunda licença ambiental, que permite o início das obras. O diretor de licenciamento da Semarh, Duntalmo Ervilha, garante que o documento só será concedido após a construção de outra escola para a comunidade rural.